A partir da década de 90 iniciou-se um aumento crescente na procura por cursos de ensino superior em universidades particulares. Por outro lado, para atender a esta demanda reprimida, surgiram diversas instituições de ensino que, de uma forma geral, conseguiram obter altos índices de expansão e rentabilidade.

Nos dias atuais verifica-se que a oferta se tornou excessiva, levando as instituições a encararem a adequada estruturação da gestão do negócio como um imperativo para manterem-se vivas e competitivas no mercado.

Para sobreviver neste mercado muito concorrido, é necessário ir além das competências acadêmicas, adotando novas práticas de gestão que contribuam para a competitividade, eficiência e lucratividade do negócio. Neste enfoque, é aconselhável que os dirigentes utilizem modelos gerenciais já consagrados no meio empresarial.

Uma prática muito utilizada por empresas vencedoras consiste em mobilizar os esforços da organização como um todo para o alcance de resultados positivos para a organização. Nesse contexto, a responsabilidade pelos resultados não fica restrita à alta direção, fazendo com que todos os níveis hierárquicos, respeitando, obviamente, os seus limites de responsabilidades, se comprometam com as metas e resultados da organização.

Trazendo esta abordagem para o âmbito educacional, o coordenador acadêmico, por exemplo, deve também assumir uma postura de gestor. Assim, além de realizar as suas funções acadêmicas, este profissional deverá se envolver com outras áreas e buscar soluções que possam ajudar a empresa a melhorar os seus resultados em termos de inadimplência, evasão, entrada de novos alunos, qualidade, eficácia operacional, dentre outros aspectos.

O professor universitário, por sua vez, também pode contribuir de forma mais abrangente com a instituição. Ao invés de manter o foco somente em seus alunos, ele pode interagir, regularmente, com os demais professores e coordenadores, buscando soluções que possam enriquecer o aprendizado e proporcionar uma experiência mais gratificante para os alunos.

Paralelamente, as áreas administrativa e financeira podem ser direcionadas para uma melhor utilização dos recursos e o emprego de processos mais eficientes, objetivando ganhos de produtividade e eficiência para a instituição.

Por outro lado, os diretores devem ter uma atuação mais estratégica e em sintonia com o mercado, no sentido de identificarem novas oportunidades que possam favorecer a empresa, em termos de competitividade e eficácia operacional. Uma oportunidade que vem sendo muito explorada na área empresarial, por exemplo, e pouco observada no meio acadêmico são as alianças estratégicas com fornecedores, intermediários e outros parceiros de negócios. Por meio destas alianças, a instituição de ensino poderá viabilizar novos negócios e tornar a empresa mais eficiente.

Para viabilizar este cenário produtivo, é muito importante a existência de um ambiente de trabalho agradável, que inspire confiança e estimule a participação e inovação. Além disso,

são necessárias políticas e iniciativas que valorizem os bons funcionários e que os incentive a manterem um vínculo forte e de longo prazo com a instituição e a adotarem uma postura orientada para resultados.

Como resultado, teremos todas as áreas da instituição de ensino trabalhando em sinergia e alinhadas em termos de objetivos e prioridades, buscando proporcionar valor superior e satisfação para o seu público-alvo e lucratividade para a instituição.

Adotar este estilo de gestão não é uma tarefa fácil ou algo que se constrói de um dia para o outro, pois envolve mudanças de atitudes e quebra de paradigmas. Assim, é preciso ter muita determinação, coragem e acima de tudo uma visão de longo prazo. Entretanto, estou certo que é uma das formas mais consistentes para sobreviver e crescer em um mercado muito competitivo, complexo e que exige mudanças cada vez mais rápidas.